

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA REGIÃO DOS VINHEDOS  
ÁREA DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ANA PAULA CONFERI**

**SATISFAÇÕES E INSATISFAÇÕES DOS PROFESSORES**

**BENTO GONÇALVES**

**2020**

**ANA PAULA CONFERI**

**SATISFAÇÕES E INSATISFAÇÕES DOS PROFESSORES**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção de Grau de Licenciada junto ao Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul, Campus Universitário da Região dos Vinhedos.

Orientadora: professora Ms. Bernardete Schiavo Caprara.

**BENTO GONÇALVES**

**2020**

**ANA PAULA CONFERI**

**SATISFAÇÕES E INSATISFAÇÕES DOS PROFESSORES**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção de Grau de Licenciada junto ao Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul, Campus Universitário da Região dos Vinhedos.

Orientadora: professora Ms. Bernardete Schiavo Caprara.

**Aprovado (a) em**

**Banca Examinadora**

---

Profª Ms. Bernardete Schiavo Caprara  
Universidade de Caxias do Sul - UCS

---

Profª Drª Terciane Ângela Luchese  
Universidade de Caxias do Sul - UCS

---

Profª Ms. Sílvia Hauser Farina  
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Dedico este trabalho aos professores, de todas as áreas, níveis, idades, posições sociais... Aos nossos heróis e heroínas, que lutam todos os dias por uma educação que transforme o mundo.

Dedico a eles, que são mestres, guerreiros, sábios, defensores do ensino, da escola, do estudo e da aprendizagem. A eles que me inspiram e me fazem acreditar todos os dias, que a educação, enquanto ensino, e enquanto profissão, é o melhor caminho.

Este trabalho é por nós, é para nós!  
Nós, professores!

## **AGRADECIMENTOS**

Neste momento em que se aproxima a conclusão de minha graduação em Licenciatura em Pedagogia e de meu Trabalho de Conclusão de Curso, gostaria de agradecer a todos aqueles que de uma forma ou de outra, contribuíram para que tudo isso se tornasse realidade.

Agradeço primeiramente a Deus por todas as oportunidades maravilhosas que me permitiu ter e viver nesta vida, em especial a de cursar uma faculdade e hoje concluir meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço a minha mãe por toda dedicação, carinho e amor que teve comigo. Por sempre me incentivar a seguir em frente, mesmo que muitas vezes eu mesma já não acreditasse ter mais forças ou energia para isso. Por sempre me ajudar e resolver meus problemas, por compreender a minha necessidade de tempo para a faculdade, e se desdobrar para fazer todos os serviços de casa sozinha.

Agradeço a meu namorado Tiago Ortolan, pela compreensão, incentivo, apoio, carinho e amor nos momentos de maior dificuldade ao longo desta caminhada. Pelas tantas vezes que me deu energia e alegria para enfrentar a vida. E que comemorou comigo, quando depois de todo o sacrifício, enfim, chegava a vitória.

Agradeço a minha professora Terciane Ângela Luchese por todo o apoio dado a construção do projeto de pesquisa, elaboração e aplicação dos questionários, por todo carinho e atenção que a mim dedicou.

Agradeço também, a minha orientadora Bernardete Schiavo Caprara, por todo incentivo, carinho, coragem e conhecimento que me transmitiu ao longo destes anos de faculdade. Por todas as vezes em que me compreendeu, e me fez acreditar que era possível.

Uma das melhores sensações do mundo talvez seja saber que não estamos sozinhos, mas que muitos caminham ao nosso lado. O resultado de um trabalho de qualidade é devido não somente a meus esforços pessoais, mas também aos esforços de todos aqueles que se mobilizaram e contribuíram de alguma forma para a concretização deste Trabalho de Conclusão de Curso. A vocês minha eterna gratidão.

## RESUMO

O presente trabalho trata das Satisfações e Insatisfações dos Professores. Seu maior objetivo é investigar os motivos que geram satisfação ou insatisfação nos professores. Para tal, foi realizada uma pesquisa qualitativa, que se iniciou com a observação do cotidiano da instituição escolar, seguida pelo preenchimento de um questionário e pela tabulação dos dados levantados em forma de gráficos. Depois disso, foi realizada a análise dos dados, e a fundamentação bibliográfica, que trouxe importantes contribuições de renomados autores da área educativa como, José Carlos Libâneo, Antônio Nóvoa, Moacir Gadotti, Idalberto Chiavenato, entre outros, para agregar na análise da temática abordada e das informações coletadas por meio da pesquisa. Como resultados da pesquisa podemos afirmar que os professores se mostram insatisfeitos com o tempo para planejar aulas, a sobrecarga no trabalho, o comportamento dos alunos, o número de alunos por turma, entre outros. Contudo, os professores se mostraram também bastante satisfeitos com, a possibilidade de crescer no trabalho, a qualidade do trabalho que realizam, o desenvolvimento de aulas atrativas, entre outros. Além disso, podemos concluir que, fatores como, a má gestão, a existência de uma sociedade que contribui para formação de uma visão ruim da profissão de professor, e de uma mídia que enaltece os pontos negativos da docência, além de uma atitude do próprio professor que comumente se anula, contribuem, ou mesmo acarretam a manutenção e existência de pontos de insatisfação dentro da profissão docente.

**Palavras-chave:** Pedagogo. Satisfações. Insatisfações.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Você se sente sobrecarregado? .....	35
Gráfico 2 – Volume do trabalho que realiza .....	36
Gráfico 3 – Tempo para lazer, descanso durante a semana.....	36
Gráfico 4 – Tempo para planejar aulas .....	37
Gráfico 5 – Salário.....	39
Gráfico 6 – Consegue pagar todas as suas contas.....	40
Gráfico 7 – Seu salário lhe permite bancar aprimoramentos profissionais, cursos, formações.....	40
Gráfico 8 – Aplicação de métodos de ensino atuais e inovadores em sala de aula ..	42
Gráfico 9 – Trabalho em equipe/coleguismo .....	44
Gráfico 10 – Trabalho com pessoas.....	45
Gráfico 11 – Gosto do trabalho que realizo .....	46

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>OS DIFERENTES CAMPOS DE ATUAÇÃO DO PEDAGOGO .....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>AS SATISFAÇÕES E INSATISFAÇÕES DOS PROFESSORES NA ATUALIDADE .....</b>	<b>22</b>
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>33</b>
<b>5</b>	<b>ANÁLISE DOS RESULTADOS APRESENTADOS NOS QUESTIONÁRIOS .....</b>	<b>35</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>48</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>
	<b>ANEXO A – QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>53</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta monografia tem por finalidade o estudo da temática, “As Satisfações e Insatisfações do Professores”, cujo objetivo geral é “investigar os motivos que geram satisfação e insatisfação nos professores”.

O desejo de trabalhar com as satisfações e insatisfações dos professores nasce de uma grande questão, “o porquê os professores reclamam tanto?”. Minha história de vida é marcada por um desejo imenso de ser professora. Contudo, durante o período em que frequentei a escola pública, defrontei-me inúmeras vezes com professores que insatisfeitos com sua profissão, reclamavam abertamente, dentro de sala de aula, para os próprios alunos.

Essas situações e experiências de vida acabaram interferindo negativamente em minha visão sobre a profissão de professor, a ponto de negar a mim mesma por muito tempo este desejo de exercer a docência, afinal se os próprios professores diziam que está era uma profissão ruim, cansativa, pouco lucrativa, quem seria eu para discordar. Foi bastante difícil superar este medo de optar pela profissão de professor. Mas o amor pela docência me fez ir mais longe, me fez ser professora.

Fez-me hoje desejar entender o porquê os professores se mostram insatisfeitos? O porquê reclamam tanto? Será que a docência é realmente tão ruim assim? O que está ruim? O que podemos fazer para melhorar estes pontos? As insatisfações dos professores são ouvidas? Se não são, por que não são? Com o que os professores estão satisfeitos? O que há de bom no exercício da docência? Como pode um professor dar boas aulas se está insatisfeito com seu trabalho? E se está insatisfeito com o trabalho, quais são os motivos (satisfações) que os fazem seguir na profissão?

O estudo desta temática é de relevância, já que nos mostra de maneira aprofundada os sentimentos dos professores em relação a sua profissão. Ao saber os motivos causadores de satisfação ou insatisfação nos docentes poderemos estar pensando e trabalhando para melhorar estas insatisfações e manter os pontos causadores de satisfação afim de tornar a atividade docente uma profissão mais agradável.

Um dos grandes problemas de nossa educação atual, é a desvalorização dos professores, e este é um ponto crucial, já que professores desvalorizados, desmotivados, insatisfeitos, desesperançados, não dão boas aulas, não investem em

planejamentos, não inovam, não buscam novos conhecimentos, métodos e ideias. Sem professores satisfeitos, motivados, não se faz educação de qualidade. Não se alcança bons índices educacionais. Não se muda a realidade educacional brasileira atual. O oposto também é verdade, já que professores motivados, satisfeitos com sua profissão trabalham melhor, dão melhores aulas, inovam, criam, despertam no aluno o desejo de aprender, desta forma aumentam a qualidade do ensino e progressivamente vão mudando a realidade educacional atual.

A presente monografia tem como problema o seguinte questionamento, “Quais são as causas da aparente satisfação e/ou insatisfação dos professores que atuam no ensino fundamental e médio de uma escola pública gaúcha?”. A partir dele busco descobrir os reais motivos causadores de satisfação e insatisfação nos docentes.

Os principais autores usados para sua fundamentação teórica foram, LIBÂNEO (2001), GOHN (2006), PASCOAL (2007), CHIAVENATO (2010), GADOTTI (2003), NÓVOA (2007) e (2009), LIMA (2008), entre outros.

Os procedimentos metodológicos utilizados foram pesquisas bibliográficas e aplicação de questionários com alguns professores de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio do Vale do Taquari no estado do Rio Grande do Sul. A pesquisa realizada foi de cunho bibliográfico e de levantamento (qualitativa).

O trabalho aqui apresentado e defendido, começou a ser pensado e desenvolvido em meados de março de 2019. Ele nasceu e cresceu dentro das disciplinas de Análise Crítica da Prática Docente e Estágio III em Pedagogia, sendo concretizado e aperfeiçoado nesta monografia.

Por meio do trabalho desenvolvido dentro destas duas disciplinas, foi possível construir o projeto e o questionário de pesquisa. Foi possível também, aplicar os questionários, analisar os dados coletados, tabular os dados transformando-os em gráficos, e posteriormente analisar os resultados fundamentando-os bibliograficamente.

A realização deste trabalho de pesquisa desenvolvido em 2019 abriu-me horizontes para a compreensão mais profunda e concreta da realidade educacional brasileira, aguçou-me o desejo pela escrita, e a vontade de pesquisar mais sobre essa temática. Daí minha ânsia em seguir pesquisando e aprofundando esta temática em meu Trabalho de Conclusão de Curso.

O presente trabalho nos apresenta inicialmente, de forma breve, os novos espaços conquistados pela área pedagógica ao longo dos tempos. Nos traz a observação, de que há uma prevalência na sociedade de uma visão tradicional da pedagogia, que a enxerga somente como uma profissão ou curso que trata do ensino de crianças e da formação de professores.

O capítulo segue nos trazendo o conceito de pedagogia, a presença da pedagogia em nosso dia a dia, o conceito de pedagogo, suas atribuições e responsabilidades, o conceito de educação, as diferentes formas de educação (educação formal, informal, e não-formal), os vários campos de atuação do pedagogo, a pedagogia empresarial, as atribuições e funções do pedagogo empresarial, a necessidade de se ver e pensar a escola como a empresa que é.

Além disso, trata também, da importância do fator humano para as organizações e da necessidade de uma gestão que esteja preocupada e atenta a seus funcionários. Nos traz ainda, a ideia do capital humano visto como o patrimônio inestimável de uma organização, e os aspectos que determinam a existência de um ambiente adequado dentro das empresas, nos fornecendo informações importantes acerca da arquitetura organizacional, da cultura organizacional e do estilo de gestão.

O segundo capítulo nos fala sobre as variadas notícias que tem sido divulgadas pela mídia em relação a educação, nos fala sobre os jovens professores, sobre os melhores docentes, sobre a desvalorização da profissão docente pelos próprios professores, da falta de voz do professor, da existência de uma cultura da reclamação, do paradoxo existente entre uma sociedade que é movida pelo conhecimento mas que ao mesmo tempo desvaloriza a profissão de professor.

O capítulo traz ainda, dados sobre a insatisfação dos professores e afirma que professores satisfeitos trabalham melhor. Nos fala também sobre a importância do clima organizacional da escola, e da manutenção da esperança dentro da profissão docente. Todos esses assuntos vão sendo fundamentados ao longo do texto com autores de referência.

O texto segue em seu terceiro capítulo, com a apresentação dos procedimentos metodológicos, a aplicação de questionários aos professores e a construção de gráficos com base nos dados coletados, e por fim, conclui com o quarto capítulo, realizando a análise dos gráficos junto de uma fundamentação teórica construída com autores como António Nóvoa e Moacir Gadotti.

Ao final, temos as considerações finais com o fechamento do trabalho, que nos apresenta resultados importantes acerca dos fatores que geram satisfação e insatisfação nos professores, além das contribuições advindas da gestão, da sociedade, da mídia, e da própria atitude do professor, para manutenção e existência de pontos de insatisfação dentro da profissão docente.

## 2 OS DIFERENTES CAMPOS DE ATUAÇÃO DO PEDAGOGO

A pedagogia, como campo educativo e social tem se desenvolvido e aperfeiçoado ao longo dos tempos. A área pedagógica vem ganhando espaços até então considerados inusitados, ou impensáveis, caso daqueles abrangidos pela pedagogia hospitalar, social e empresarial. Está é uma área que tem crescido e ampliado seu campo de atuação, ainda que esta grandeza pareça estar muito mais relacionada a espaços informais e não-formais de educação, e pouco presente, ou mesmo sentida em espaços de instituições escolares de educação formal.

Ao falar da concepção histórica de pedagogia no Brasil, José Carlos Libâneo nos afirma que tradicionalmente a pedagogia se tornou conhecida por tratar do ensino de crianças e da formação de professores.

Contudo ele nos diz que:

A ideia de conceber o curso de Pedagogia como formação de professores, a meu ver, é muito simplista e reducionista, é, digamos, uma ideia de senso comum. A Pedagogia se ocupa, de fato, com a formação escolar de crianças, com processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas, antes disso, ela tem um significado bem mais amplo, bem mais globalizante. Ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa. (LIBÂNEO, 2001, p. 6).

Para Libâneo a pedagogia não é apenas um curso de formação de professores, ela é muito mais que isso, ela é a ciência responsável por todo estudo, análise, problematização e desenvolvimento da área educativa, ainda que tenha sido reduzida por muitos, a uma simples e humilde área de estudos, comumente muito mais associada a profissão de professor que atua em sala de aula, do que a pesquisa e ao conhecimento. Assim, em regra, tense a prevalência equivocada de uma visão da pedagogia apenas como ensino, formação, e cuidado de crianças.

Em relação a pedagogia Miriam Pascoal nos diz que, “como ciência que estuda a educação, a pedagogia parte de observações e reflexões sobre a educação, avanços, alternativas e discursos educacionais, paradigmas e possibilidades de atuação, gerando conceitos que se convertem em teorias pedagógicas”. (PASCOAL, 2007, p. 88).

Para esta autora a pedagogia enquanto ciência, realiza e desenvolve estudos em educação. As análises realizadas e informações coletadas a partir destes estudos,

se transformam posteriormente em referenciais importantes para construção e formulação de teorias em educação. Teorias estas, que são a base para o desenvolvimento da área educativa.

Libâneo (2001, p. 6) também conceitua pedagogia, ao dizer que:

Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação – do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sociais. Não há sociedade sem práticas educativas. Pedagogia diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas.

Libâneo conceitua a pedagogia como um campo de conhecimento que estuda de forma sistemática a educação. E que fique claro, educação aqui não se refere apenas a educação escolar, mas a toda aquela que ocorre nos diferentes espaços, níveis, tempos históricos e sociais em que vivemos.

Este campo de conhecimento, trata do estudo e reflexão da prática educativa. Compreendendo esta prática como pertencente ao humano, e parte integrante da sociedade. Já que, segundo o autor, não há sociedades sem práticas educativas. O que nos leva a compreender que a educação (o ato educativo) está e sempre estará presente nas sociedades humanas, seja de forma intrínseca ou explícita.

Isto se dá, em vista da necessidade humana de saber, de conhecer, de aprender, de adquirir conhecimentos, e trocar informações. Esta necessidade, contudo, tem se tornado cada vez mais forte e presente na atualidade, período em que o conhecimento se tornou a base de nossa sociedade.

A pedagogia está presente em nosso dia-a-dia, ainda que não tenhamos nos dado por conta. Ela se encontra nos jornais, nos informativos de saúde, nas rádios, nos mapas, jogos, brinquedos, livros... em diferentes espaços e de diferentes maneiras.

Muitos pedagogos contudo, ainda não perceberam, que os conhecimentos construídos, pensados e analisados, por nossa categoria profissional, por nossa ciência de estudo, esses mesmos necessários para construção de artigos de jornais, de reportagens de rádio e tv, de jogos, brinquedos... se disseminaram pelo mundo ao longo dos tempos.

Essa falta de percepção dos professores, os leva a manter uma visão tradicional da pedagogia, que julga o trabalho do pedagogo como exclusivamente

voltado ao ensino de estudantes, e exclui todas as outras possibilidades de atuação e abrangência que a área pedagógica pode apresentar.

O pedagogo, é o profissional da educação capacitado para atuar em diferentes segmentos da área da educação, além do ensino e formação de estudantes.

Libâneo (2001, p. 11) define o pedagogo como:

O pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica.

Para este autor, o pedagogo, tendo como objetivo básico a formação humana, é o profissional que atua em diferentes instâncias da área educativa. Seja nas atividades relacionadas ao ensino e aprendizagem propriamente dito ocorrido em sala de aula, ou à aquelas relacionadas a gestão, supervisão, e orientação de escolas, além da atuação em espaços não-formais de ensino, e da atuação como pesquisadores, realizando estudos em educação.

Sabendo que, a pedagogia trata, dentro outros pontos, do estudo do ato educativo, é importante, e essencial compreendermos também o conceito de educação.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), nos diz em seu art. 1º que, a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Segundo a presente lei, acima citada, a educação trata dos processos formativos que ocorrem em diferentes espaços e esferas da sociedade.

Ainda sobre educação, Libâneo (2001, p. 7) nos diz que:

Educação compreende o conjunto dos processos, influências, estruturas e ações que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando a formação do ser humano. A educação é, assim, uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana, individual e grupal.

A educação intervém (de diferentes maneiras) no humano e o transforma, física, mental e psicologicamente. De forma mais ampla, a educação tem o poder de transformar o eu histórico, social e cultural de um ser e de uma sociedade.

Como nos diz Libâneo, ela é um conjunto de processos e estruturas, que intervém no desenvolvimento das pessoas. E se dá por meio da “transmissão” da bagagem cultural adquirida pela sociedade ao longo dos tempos, as novas gerações.

Com o passar das décadas o campo educativo também se ampliou e diversificou, adentrando diferentes espaços, sejam eles formais, informais ou não-formais, a partir de diferentes metodologias.

Sobre a educação formal, informal e não-formal, Maria da Glória Gohn (2006, p. 28) nos diz que:

[...] a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas.

Para esta autora, a educação formal é a educação que se dá no espaço escolar, é uma educação planejada, organizada e realizada dentro de uma estrutura interligada, que apresenta conteúdos pré-definidos, mediados por um professor. Desta forma, se a educação formal é a educação que se dá na escola, a educação informal e não-formal são aquelas que ocorrem fora do espaço das instituições escolares.

A educação não-formal, é aquela que ocorre por meio da troca de experiências com o outro, troca que geralmente possui um objetivo e intencionalidade, e se dá em grupos de trabalho. Como por exemplo, em grupos sociais de prevenção ao alcoolismo, ao uso de drogas... É importante frisar ainda, que a educação não-formal geralmente ocorre em espaços informais.

Já na educação informal, as aprendizagens e trocas se dão com os familiares, os amigos, e as pessoas com quem convivemos, essa forma de educação depende de fatores como, localização, nacionalidade, sexo, religião, entre outros.

Em relação as diferentes formas de educação, e os espaços onde estas ocorrem Gohn (2006, p. 29) nos diz que:

Na educação formal estes espaços são os do território das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo

diretrizes nacionais. Na educação não-formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais ( a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação). Já a educação informal tem seus espaços educativos demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia etc. A casa onde se mora, a rua, o bairro, o condomínio, o clube que se frequenta, a igreja ou o local de culto a que se vincula sua crença religiosa, o local onde se nasceu, etc.

Segundo a autora a questão da intencionalidade é um fator chave para a diferenciação entre a educação não-formal e informal, já que na educação não-formal, tense alguma intencionalidade, algum objetivo no ato educativo, enquanto que, na educação informal, não há nenhum tipo de organização, ou intenção, apenas uma troca de conhecimentos e saberes que por consequência geram aprendizagem.

Se a pedagogia estuda dentre outros pontos, a pratica educativa e temos várias formas de educação, temos então várias formas de pedagogia.

Libâneo (2001, p. 6) nos fala um pouco mais sobre isso quando nos diz que:

O campo do educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: na família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na política, na escola. De modo que não podemos reduzir a educação ao ensino e nem a Pedagogia aos métodos de ensino. Por consequência, se há uma diversidade de práticas educativas, há também várias pedagogias: a pedagogia familiar, a pedagogia sindical, a pedagogia dos meios de comunicação etc., além, é claro, da pedagogia escolar.

O campo de atuação do pedagogo, se expandiu muito atualmente, a pedagogia ganhou novas formas e espaços, não mais se encontrando atrelada apenas a instituição escolar ou a educação formal, a área pedagógica adentrou empresas, hospitais, grupos sociais, entre outros.

Dentre as possíveis áreas de estudo e atuação do pedagogo estão, a pedagogia social, a pedagogia hospitalar e a pedagogia empresarial. Contudo, neste momento em especial, em virtude do trabalho que se desenvolve, deteremos nossos estudos na pedagogia empresarial.

A pedagogia empresarial é um ramo da pedagogia que trabalha diretamente nas empresas atuando na análise e diagnóstico de necessidades de intervenção pedagógica. Este pedagogo cria planos de formação e capacitação aos profissionais, baseado nas necessidades observadas, afim de gerar melhorias a empresa e ao

trabalhador, além de conseqüentemente uma maior e melhor produtividade e lucratividade.

Além disso, graça a sua formação, “o pedagogo empresarial pode atuar na área de Recursos Humanos da empresa, ajudando na seleção de pessoal e na área de treinamento”. (PASCOAL, 2007, p. 97).

Pascoal (2007, p. 92) nos fala sobre a preocupação que foi surgindo dentro das empresas ao longo dos tempos em relação ao fator humano:

Essa preocupação com o humano na empresa atravessou vários períodos e redundou no reconhecimento da importância do trabalho em equipes. Em plena era da globalização, profundas modificações ocorreram na sociedade como um todo e também no âmbito empresarial. Essas mudanças ocasionaram novas reestruturações organizacionais, a chamada reengenharia produtiva. Neste contexto, o setor empresarial tem investido e incentivado “treinamentos”, ou seja, a formação continuada, que antes era privilégio do ambiente educacional.

Com o passar dos anos as empresas foram percebendo a importância, dos funcionários e colaboradores, para manutenção de sua competitividade e produtividade. Ao se darem por conta de que o fator humano, é essencial para a potencialização e crescimento das empresas, essas instituições passaram a investir em formações, treinamentos e capacitações de seus profissionais. E é nesse espaço que se dá o trabalho do pedagogo empresarial.

Pascoal (2007, p. 95) nos apresenta as atribuições e funções do pedagogo no trabalho realizado junto as empresas:

As funções e atribuições do Pedagogo dentro da empresa relacionam-se a cinco campos: atividades pedagógicas, técnicas e organizacionais, sociais e administrativas, podendo ser assim sintetizadas:

- Conceber, planejar, desenvolver e administrar atividades relacionadas à educação na empresa.
- Diagnosticar a realidade institucional.
- Elaborar e desenvolver projetos, buscando conhecimento também em outras áreas profissionais.
- Coordenar a atualização em serviço dos profissionais da empresa.
- Planejar, controlar e avaliar o desempenho profissional dos funcionários da empresa.
- Assessorar as empresas no que se refere ao entendimento dos assuntos pedagógicos atuais.

O trabalho do pedagogo dentro das organizações inicia a partir da observação e análise da empresa, do trabalho desenvolvido por ela, das suas necessidades pedagógicas, de sua história, seu desenvolvimento, e objetivos futuros.

Partindo disso, o pedagogo pode realizar análises, pesquisas, levantamento de dados... afim identificar problemas, necessidades de intervenção, melhoramento, e capacitação no que tange a área educacional.

Munido desses conhecimentos o pedagogo empresarial, avalia e cria estratégias de intervenção, formação e treinamento, afim de gerar melhorias a empresa e ao trabalhador.

O pedagogo empresarial, possui formação para ajudar na construção da missão da empresa, além de ser capacitado para trabalhar na manutenção da harmonia e do equilíbrio das relações, na organização de ambientes que propiciem o bem-estar, o diálogo, a fácil localização dos objetos e informações, e ainda na análise das necessidades pessoais e familiares do colaborador.

O trabalho com a capacitação do funcionário, não gera apenas a melhoria da produção, mas também a melhora do profissional humano, que ali trabalha. E é este humano que munido dos conhecimentos e saberes necessários para o trabalho e para a vida, sentindo-se acolhido em um ambiente que propicie crescimento e bem-estar produzirá mais e assim gerará maior produtividade.

A escola, como uma empresa responsável pela formação de educandos, que possui objetivos, metas de crescimento, funcionários, gastos financeiros, administração... precisa ser gestada, organizada, pensada por um grupo de profissionais capacitados. Afim de cooperarem com o crescimento e desenvolvimento da instituição.

O crescimento desta empresa depende também do fator humano, da formação e capacitação de seus profissionais. Daí a importância e necessidade da realização de investimentos nos funcionários da instituição escolar. Atividade que pode ser pensada e realizada por um pedagogo empresarial.

Entretanto, tense atualmente uma grande dificuldade social, de se ver e pensar a escola com uma empresa. O que dificulta muito a compreensão e a internalização da importância do desenvolvimento de projetos dentro das instituições escolares que busquem por melhorias na formação dos profissionais e na organização da escola. E são justamente os gestores das escolas os responsáveis por perceber e investir nas necessidades de seus trabalhadores e de suas instituições.

Essa falta de investimentos nos fatores humanos, ambientais e organizacionais das instituições escolares, tem acarretado em um grande problema educacional, a desmotivação e insatisfação dos professores.

A falta de investimentos na capacitação e qualidade profissional, em um ambiente que propiciem bem-estar, em materiais e estruturas básicas necessárias para a realização dos trabalhos, além da falta de preocupação com o humano, com sua saúde, com seu psicológico, com a quantidade de trabalho que realiza, com os desafios enfrentados dentro da profissão, acarreta em insatisfações variadas com a profissão docente.

Por isso, a existência de uma gestão preocupada com o fator humano é essencial para o crescimento e desenvolvimento das instituições. As pessoas constituem a principal vantagem competitiva da organização, e por isso mesmo a empresa precisa investir nelas, desenvolvê-las e ceder-lhes espaços para seus talentos (CHIAVENATO, 2010, p. 51).

Os funcionários precisam se ver como parceiros da organização, precisam sentir que a empresa pensa e investe neles. Em seu bem-estar, em seus desejos profissionais, em seu crescimento pessoal.

Mario Sergio Cortella (2011, p. 37) complementa esta ideia nos dizendo que:

Ninguém fica num local apenas por conta do salário, mas sua permanência é também condicionada pela capacidade de enxergar a finalidade positiva no que faz, do reconhecimento que obtém, do bem-estar que sente quando seu trabalho é valorizado e se percebe ali a possibilidade de futuro conjunto.

Para o autor, as pessoas não desejam apenas um emprego ou um salário, elas desejam mais que isso, desejam felicidade, desejam que aquilo que fazem tenha sentido para suas vidas. Desejam crescer, aprender, serem reconhecidas por seu trabalho e por seus esforços.

“Na Era da Informação, lidar com as pessoas deixou de ser um problema e passou a ser a solução para as organizações. Deixou de ser um desafio e passou a ser a vantagem competitiva para as organizações bem-sucedidas” (CHIAVENATO, 2010, p. 42). O fator humano é hoje o fator principal para o sucesso e desenvolvimento da empresa. Já que são as pessoas os cérebros do processo, é a partir da qualidade do trabalho delas que a empresa pode se tornar mais ou menos lucrativa, mais ou menos competitiva.

Muitas das grandes empresas atuais não se tornaram valiosas pela sua extensão (tamanho), mas pela quantidade de investimento que fizeram em seus fatores humanos. Uma empresa que não cuida e não pensa em seus funcionários,

poderá não desenvolver grande competitividade no mercado atual, e vir a ser passada para trás. Além de correr um grande risco de perder seu capital humano.

Segundo Chiavenato o capital humano é “o patrimônio inestimável que uma organização pode reunir para alcançar competitividade e sucesso” (CHIAVENATO, 2010, p. 53). Por isso mesmo, não pode ser deixado de lado como vem acontecendo nas muitas instituições escolares de nosso país.

O desejo das empresas atuais tem sido o de dispor de talentos humanos, pessoas que possuam diferenciais e que estejam constantemente se renovando e aperfeiçoando, contudo, para atrair e manter estes talentos as empresas precisam oferecer-lhes boas condições de trabalho. Elas precisam fazer com que estes talentos se sintam muito bem dentro das organizações, ao ponto de não desejarem partir. “Sem esse contexto, os talentos murcham ou fenecem”. (CHIAVENATO, 2010, p. 53).

Refletindo sobre os escritos de Chiavenato, entristece-me perceber que nossas empresas escolares não só muitas vezes perdem seus talentos para outras escolas, os perdem também para outras profissões. Já que infelizmente, não tem oferecido grandes atrativos a seus profissionais, aponto de, em alguns casos perdê-los para outras profissões melhor pagantes, ou menos “piores”.

Ao falar sobre os dois principais aspectos que compõem o capital humano (talentos e contexto) Chiavenato nos fala sobre os aspectos que determinam a existência de um ambiente adequado dentro das empresas, nos trazendo informações importantes acerca, da arquitetura organizacional, da cultura organizacional e do estilo de gestão (CHIAVENATO, 2010, p. 53):

- a. *Arquitetura organizacional* com um desenho flexível, integrador e com uma divisão do trabalho que coordene as pessoas e o fluxo dos processos e das atividades de maneira integrada. A organização do trabalho deve facilitar o contato e a comunicação com as pessoas.
- b. *Cultura organizacional* democrática e participativa que inspire confiança, comprometimento, satisfação, espírito de equipe. Uma cultura baseada em solidariedade e camaradagem entre as pessoas.
- c. *Estilo de gestão* baseado na liderança renovada e no coaching, com descentralização do poder, delegação e empowerment.

Segundo Chiavenato, para que o ambiente de trabalho seja adequado dentro das organizações, é importante que a arquitetura seja flexível e disponha de um formato integrador. Além disso, a cultura da empresa, precisa ser uma cultura democrática, solidária, onde aja comprometimento e trabalho em equipe. E a gestão deve trabalhar baseada na liderança, e descentralização do poder. Esses pontos,

trazidos por Chiavenato são essenciais para a manutenção e criação de um ambiente de trabalho próspero, saudável, feliz e acolhedor dentro das organizações.

Os funcionários são muito importantes para o desenvolvimento e crescimento da empresa, pois isso, é essencial que as organizações estejam atentas a eles, e as suas necessidades. Analisando aos fatores que acarretam satisfações e insatisfações, e os pontos que exigem melhoria.

A escola, como a empresa que é, segue o mesmo processo, por isso, a necessidade de que as gestões escolares, sejam elas a níveis municipais, estaduais ou federais, compreendam a importância de se pensar nos fatores humanos de suas instituições.

É o investimento no humano, em especial neste caso, no profissional da educação, que acarretará, dentro outros pontos, a melhora da profissão docente e consequentemente da educação.

### 3 AS SATISFAÇÕES E INSATISFAÇÕES DOS PROFESSORES NA ATUALIDADE

Inúmeras notícias envolvendo a educação têm sido divulgadas pela mídia atualmente, dentre elas as que envolvem professores. Quando se trata de docentes, comumente as matérias divulgadas abordam as lutas sindicais, as paralisações (greves), as más condições de ensino e trabalho, a desvalorização da categoria, a questão salarial...

Poucas, se não raras são as notícias que falam sobre pontos positivos da profissão docente, estas quando são publicadas aparecem a partir de algum projeto que ganhou destaque, ou alguma premiação de caráter nacional. Comumente não passa disso. O que se percebe a partir desta análise e do que normalmente ouvimos da sociedade, é uma visão bastante ruim da profissão de professor.

Outros dados, apresentados pelos meios de comunicação abordam a questão da violência, do desrespeito, da falta de valorização e reconhecimento profissional dos professores. A partir destes pequenos pontos, já temos alguns indícios, do quanto estes profissionais podem estar desmotivados, insatisfeitos e desesperançados com sua profissão.

Nóvoa (2007, p. 5) critica a maneira como se discute educação através da mídia quando nos explica o motivo de ter dado o título, “Evidentemente.” a um de seus livros.

[...] a razão principal é a crítica à maneira como se discute a educação hoje em dia. Em particular, como se discute a educação na mídia, como certos intelectuais, que aliás reconhecemos como pessoas prestigiadas, dizem tanta banalidade, tanta coisa falsa sobre a educação. A maneira como se intervém publicamente nos debates sobre a educação é pobre atualmente.

Para o autor, muito do que é divulgado pelos meios de comunicação se dá de forma incoerente, sem fundamentação, sem embasamento, com a única finalidade de se ter assunto para divulgar, o triste, é que estas inverdades divulgadas acabam sendo disseminadas pela massa e tomadas como verdades.

Há um grande clima que se cria a partir destas ideias disseminadas sobre a profissão docente e estas visões acabam por influir diretamente na escola e no trabalho destes profissionais. E na própria formação de novos professores. Como atrair jovens para uma profissão que é representada como pouco valorizada financeira e simbolicamente?

Além de tudo, como se não bastasse a dificuldade existente de se encontrar jovens que busquem seguir no caminho da docência, já que os fatores contrários a escolha desta profissão são muito maiores e mais fortes que os favoráveis, estes em sua maioria costumam ser muito mal recebidos, pouco incentivados, pouco apoiados, quando entram no mercado de trabalho.

Nóvoa (2007, p. 14) vai direto ao ponto:

Como cuidamos dos jovens professores? O pior possível. Eles vão para as piores escolas, têm os piores horários, vão para as piores turmas, não há qualquer tipo de apoio. Eles são “lançados às feras” totalmente desprotegidos. E nós fazemos de conta que o problema não é conosco. É um problema talvez do Estado, talvez de alguém, das autoridades, mas não um problema nosso. Mas este é, sim, um problema nosso e dramático da profissão.

Para Nóvoa, os jovens professores são muito mal recebidos, maltratados, o pior da escola é destinado a eles. E estão sozinhos, já que não possuem qualquer tipo de apoio, auxílio ou incentivo.

Fica difícil desviar ou mesmo fugir desta esta linha de pensamento, que trata a profissão de professor como algo ruim, difícil, penoso, desvalorizado, e acreditar em uma transformação da categoria, em uma melhora na qualidade da profissão, uma maior valorização dos profissionais, quando todo o sistema parece caminhar, falar, pensar, num sentido oposto.

Ninguém fala dos pontos positivos da escola, dos profissionais que gostam do que fazem, que se sentem satisfeitos com sua profissão, ainda que por alguns poucos motivos, dos muitos que fazem um trabalho pedagógico sério e dedicado à aprendizagem.

Frente a estes profissionais, Nóvoa (2007, p.17) nos diz que:

Uma grande maioria dos melhores professores das escolas portuguesas vive escondida dentro das escolas. Isto é, sobrevivem por conta de uma espécie de apagamento, e de uma espécie de isolamento para não arranjam problemas. Não só não são reconhecidos pelos outros professores, não são muitas vezes reconhecidos pelas estruturas institucionais, como não têm nenhum papel de liderança. Como por exemplo a integração de jovens professores, que tanto precisariam deles, da sua experiência, do bom senso, do seu saber. Como muitas vezes, para serem melhores professores e continuarem a fazer o que fazem têm quase que se esconder dentro das instituições.

Segundo o autor, os bons professores vivem escondidos, e associa isso ao fato de incomodarem, sim, bons professores incomodam, incomodam aqueles que

não buscam novos métodos de ensino, novas formas de dar aula, que não buscam por formações, mudanças, crescimento. Incomodam aqueles que não querem se movimentar, não querem mudar, que preferem que as coisas permaneçam como estão, ainda que estejam péssimas. Desta forma menosprezar quem faz algo diferente, os permite permanecer em uma posição confortável.

Se meu colega professor desenvolver um bom trabalho em sala de aula, eu posso vir a me sentir em uma posição inferior, mas diferentemente de outras instituições de trabalho, no caso da escola, os profissionais que se sentem “ultrapassados” por outros, não desenvolvem melhores trabalhos para elevar seu patamar profissional. Não há concorrência na educação, não há concorrência por quem desenvolve o melhor trabalho, a oposto disso, esses profissionais que não querem se movimentar em busca de melhorias, menosprezam, diminuem, o trabalho daqueles que verdadeiramente dão boas aulas. Assim, muitas vezes quem costuma trabalhar de forma dedicada, inovadora, acaba sendo excluído pela maioria, acaba desanimando, e precisa permanecer escondido para sobreviver.

É o que costuma ocorrer com a grande maioria dos jovens professores recém formados, eles chegam à escola cheios de ideias, métodos novos, no entanto, são barrados pelos velhos professores, que às custas de desculpas esfarrapadas, “não adianta fazer isso”, “ tu tá perdendo teu tempo”, “ isso dá muito trabalho”, “ eles não vão prestar atenção em ti”, “ logo, logo, tu vai perceber que não adianta tentar”, e de uma acomodação sem tamanho, não permitem que os jovens professores ponham em prática seus conhecimentos, seus desejos profissionais, seus novos métodos, novas ideias. E quem perde com tudo isso, é a educação.

Mas fugindo desse viés desmotivador, é necessário e importantíssimo falarmos sobre os pontos positivos da profissão docente, sobre os professores que gostam do que fazem, que se sentem satisfeitos com seu trabalho, dos muitos que quebram a corrente e seguem num caminho oposto, desenvolvendo projetos inovadores, atuais, que cativam e envolvem o aluno, despertando interesse e promovendo aprendizagem, daqueles que não se deixam desmotivar, que seguem buscando formações, e melhores capacitações profissionais. Que quando não dispõem, criam e confeccionam os próprios materiais. Que quando não tem dinheiro, organizam eventos, festas juninas, rifas... Que ficam felizes com um período de férias mais alongado, em relação as demais categorias, que possuem uma rotina totalmente diferente a cada dia, e gostam desta diversificação, já que em se tratando de alunos

e educação, nenhum dia é exatamente igual, nem um dia é repetitivo ou monótono. Que gostam de seu salário, e acham que recebem mais que a grande maioria da população, ainda que acreditem que poderiam ser melhor remunerados. Que gostam do ambiente onde trabalham, que se sentem bem e felizes em trabalhar com pessoas, jovens, crianças, que se sentem realizados ao perceberem a aprendizagem e evolução do aluno. Que amam sua profissão, e se dedicam ao máximo para dar as melhores aulas, trazendo coisas novas, diferentes, que agradem os alunos e promovam aprendizagens.

São eles que nos mostram que nem tudo está perdido, que é possível desenvolvem bons e eficientes trabalhos, mesmo com poucos recursos. Que nos provam todos os dias, que mesmo os piores desafios e dificuldades podem ser superados, que mesmo os maiores problemas educacionais não são empecilhos para a promoção de aprendizagem, para o desenvolvimento de boas aulas. Não estou dizendo que devemos aceitar tudo como está, e viver dando um jeito para tudo, achando uma segunda saída para o caos, pelo contrário, mas penso que se é possível desenvolver bons trabalhos em condições tão difíceis, muito mais pode-se fazer com boas condições de ensino, de estrutura, de materiais.

Existem escolas em que os professores são grandes parceiros, trabalham unidos, em prol de um objetivo comum, ajudando-se mutuamente, no entanto, infelizmente, não é isso que ocorre na grande maioria de nossas instituições escolares, onde o individualismo tem prevalecido, há uma grande falta de trabalho em equipe.

Para Nóvoa (2007, p.13):

Continuamos a ser uma das profissões onde se colabora menos, do ponto de vista profissional. Não digo do ponto de vista sindical, porque muitas vezes é bastante mobilizada. Mas do ponto de vista do gesto profissional, do dia-a-dia profissional, da rotina, há um grande déficit de colaboração.

Segundo o autor, falta colaboração no dia a dia, falta parceria. Os docentes precisam se ajudar, precisam se unir, se não houver um trabalho conjunto, fica difícil superar tamanhas dificuldades diárias e de longo prazo, mais do que nunca a educação clama por ajuda, por gente que pegue junto e faça acontecer, que acredite e lute por uma educação melhor, e isso pode e deve começar pelo professor.

As inúmeras más notícias que são divulgadas diariamente pela mídia, acabam fazendo com que a grande massa enxergue à docência apenas como algo ruim, e que

muitos professores, mesmo que gostem do que fazem, e não achem tudo tão ruim assim, falem mal de sua própria profissão. Reclamem constantemente de tudo. E aí, exatamente neste ponto percebemos a presença de uma cultura da reclamação.

Os professores reclamam e muito, todos os dias, em todos os momentos, a sala dos professores parece ser um local desenvolvido especialmente para esta finalidade, professores se encontram e reclamam, dos alunos, das aulas, dos pais, dos colegas, do salário... O mais dolorido é que muitas vezes estas reclamações ocorrem dentro da própria sala de aula. De frente para os alunos, que já penosos por uma realidade tão triste como a da nossa educação atual, se sentem mais desmotivados e desacreditados ainda em relação à educação.

Quanto mais os professores reclamam, mais mal se sentem, menos se motivam, menos têm esperança num futuro melhor. Reclamação gera reclamação. É um eterno circuito fechado. Eu reclamo, tu reclamas, ele reclama, nós reclamamos, vós reclamais, eles reclamam, e ninguém faz nada, vivesse apenas na cultura da reclamação.

Os próprios professores desvalorizam a sua profissão quando se anulam, e permitam que outros decidam por eles, quando não se impõem, quando não fazem valer aquilo que acreditam e trabalham desenvolvendo projetos que sabem não ter futuro. Quando trabalham além da conta, quando permitem que lhes tirem a autoridade, e sejam desrespeitados.

A categoria dos professores é uma das maiores categorias profissionais do país, é uma grande potência, que não se impõem, não se manifesta. Permite que pessoas que nem são da área decidam sobre o que lhes cabe. O sentimento atual, que se manifesta é o de que todos parecem acreditar que entendem mais de educação do que o próprio professor. E a anulação do professor neste sentido, faz com que isso só piore.

Segundo Nóvoa (2007, p. 5):

Todos parecem ter soluções para questões educativas. Os professores, enquanto pessoas preocupadas com a educação, precisam fazer um exercício de grande humildade. Estou cansado de tanta certeza, tantos dogmas, tantos escritos no jornal, tantas coisas ditas na televisão, e ditas muitas vezes por pessoas de referência nas suas áreas respectivas, muitas vezes na política, nas ciências, na arte, mas que quando falam de educação parecem esquecer tudo e dizem coisas sem sentido.

O autor no diz ainda que:

Fala-se muito de educação, mas em regra geral não são os professores que falam. A nossa voz hoje é muito ausente do debate educativo. E se quisermos criar uma melhor credibilidade profissional, temos que aprender a ter uma voz e uma intervenção pública mais forte, mais crítica, mais decisiva em função da educação. Creio que é essa voz que nos permite em parte ganhar esse espaço público da educação. Ganhar essa dimensão do apoio da sociedade ao trabalho da escola. É preciso ganhar a confiança da sociedade para o nosso trabalho, ganhar maior credibilidade pública. É preciso conquistar a sociedade para o nosso trabalho. (NÓVOA, 2007, p. 18).

Para o autor, todos têm soluções para as questões educativas, todos opinam, todos falam, pessoas de diversas áreas, diversos setores, de variadas formas de pensar, no entanto, o profissional que mais sabe do assunto, e tem propriedade pra falar sobre ele, pouco se manifesta, permanece quieto, ausente. Daí a necessidade de que os profissionais da educação se imponham, falem, escrevam, discurssem, se façam ser ouvidos, entendidos, compreendidos. Conquistem os alunos, pais, comunidade e sociedade para seu trabalho.

Parece-me incoerente que uma sociedade do conhecimento, que fala tanto da importância da escolarização, que exige tanto uma boa formação, para a conquista de um lugar no mercado de trabalho, e mais que isso para a construção de um mundo melhor, trate tão mal seus professores. É controverso, mais que isso, desesperador. Já que são eles, os professores peça fundamental para construção de uma boa educação, de uma boa qualidade de ensino.

Nóvoa (2007, p. 12) nos apresenta alguns desses paradoxos educacionais:

Há um paradoxo entre o excesso das missões da escola, o excesso de pedidos que a sociedade nos faz e, ao mesmo tempo, uma cada vez maior fragilidade do estatuto docente. Os professores têm perdido prestígio, a profissão docente é mais frágil hoje do que era há alguns anos. Eis um enorme paradoxo. Como é possível a escola nos pedir tantas coisas, atribuir-nos tantas missões e, ao mesmo tempo, fragilizar nosso estatuto profissional. É também um paradoxo a glorificação da sociedade do conhecimento em contraste com o desprestígio com que são tratados os professores. Como se por um lado achássemos que tudo se resolve dentro das escolas e, por outro, achássemos que quem está nas escolas são os profissionais razoavelmente medíocres, que não precisam de grande formação, grandes condições salariais, que qualquer coisa serve para ser professor.

O autor nos fala da fragilização que vem ocorrendo ao longo do tempo com o estatuto docente, em contrariedade as inúmeras missões e responsabilidades que tem sido atribuídas a escola.

Uma imensidade infindável de tarefas e obrigações tem sido incumbidas a escola atualmente, desde ensinar o aluno a conviver em sociedade, realizar sua higiene pessoal, medicar, alimentar, encaminhar ao psicólogo, ao dentista, ao médico, a especialistas, fazer com que desenvolvam valores, até trabalhar os conteúdos, habilidades e competências básicas em matemática, português, geografia, sociologia, história... São muitas responsabilidades para pouco apoio. Muitas responsabilidades para pouco prestígio, pouco respeito, pouca valorização.

A desvalorização do professor é notória e infelizmente tem sido cada vez mais alimentada ao longo dos anos. Para Gadotti (2003, pág.12) “O brasileiro desvaloriza o professor. É o que se poderia deduzir de um dito que se tornou popular nas últimas décadas no Brasil: “Quem sabe faz, quem não sabe ensina”. É clara e dolorida a falta de credibilidade da profissão docente, há uma grande exigência em relação a escola e aos professores, inúmeras missões e responsabilidades são incumbidas a eles, no entanto, não há nenhum tipo de retorno ou mesmo agradecimentos por tudo o que fazem.

Inúmeras pesquisas têm apontado os alarmantes dados frente a insatisfação dos professores, uma das mais recentes “Profissão Docente”<sup>1</sup>, realizada pelo Ibope Inteligência, em parceria com a Conhecimento Social, encaminhada pelo Itaú Social e Todos pela Educação, nos mostra que metade dos professores brasileiros acreditam que a profissão está desvalorizada, e não a recomendam para novas gerações. A pesquisa mostrou ainda que trinta e três por cento dos professores dizem estar totalmente insatisfeitos com a profissão e apenas vinte e um por cento disse estar totalmente satisfeito com a docência. Os dados apresentados pela pesquisa são assustadores, nos mostram de maneira clara e precisa, a urgente necessidade de se pensar as insatisfações dos professores brasileiros, e buscar por soluções.

Moacir Gadotti (2003, p. 14) constata a partir de suas conferências, a existência de um grande clima de desânimo e mal-estar por parte dos professores, ele nos diz que:

Em inúmeras conferências que tenho feito a professores, professoras, por este país e fora dele, além de constatar um grande mal-estar entre os docentes, misturado a decepções, irritação, impaciência, ceticismo, perplexidade, paradoxalmente, existe ainda muita esperança. A esperança ainda alimenta essa difícil profissão.

---

<sup>1</sup> Para mais informações acesse o site do Todos Pela Educação. Disponível em: <<https://www.todospelaeducacao.org.br/pag/iniciativa-profissao-professor>>. Acesso em: 25 maio 2019.

Mesmo observando um clima de grande mal-estar entre os docentes, o autor percebe a manutenção da esperança como fonte de alimento para a profissão. O que é o mínimo, diria até requisito básico para ser professor hoje em dia, ter esperança. Já que sem esperança, sem acreditarmos em uma educação melhor, em uma profissão melhor, em um mundo melhor, não vamos a lugar nenhum. Acredito que ninguém escolhe ser professor sem ter esperança em uma educação melhor, ninguém permanece em sala de aula sem ter esperança em melhores alunos, melhores escolas, melhores salários... ou se permanece, com toda certeza não desenvolve um bom trabalho. “É ela, em definitivo, que nos alimenta como pessoas e como educadores” (NÓVOA, 2007, p. 18).

O professor que ama o que faz, que acredita em seus alunos, que acredita na educação, já que este é requisito mínimo, pensando que quem deixou de acreditar por consequência, já perdeu todo o sentido do trabalho docente, é um professor com esperança!

É urgente a necessidade de se pensar os motivos geradores de insatisfação nos profissionais da educação, e trabalhar no sentido de resolvê-los, e não apenas carregá-los pelos anos afora.

Sabemos que profissionais insatisfeitos com seu trabalho, não o desempenham bem, não dão tudo que podem em prol de uma educação de qualidade, não se sentem motivados a trabalhar, ainda assim, muitas das inúmeras insatisfações dos professores parecem não ser ouvidas, ninguém dá a mínima atenção as suas reclamações, as suas inconformidades. Esta é uma verdade dura, os professores não são ouvidos, não são atendidos.

A um clima que se mantém em nossas escolas e ele perpassa pela grande maioria dos professores, é um clima de insatisfação entre os docentes. Alguns motivos desencadeadores desse sentimento já são conhecidos e divulgados comumente pela mídia, dentre eles alguns já formam citamos, como os baixos salários, a desvalorização dos profissionais, a violência nas escolas...

O clima das organizações escolares tem influência sobre as ações e atitudes dos docentes, sobre os relacionamentos interpessoais e os sentimentos dos grupos de trabalho. Daí a grande importância de se ter uma gestão escolar que esteja atenta a estas questões e busque a formação de um clima organizacional agradável, prospero, alegre, rico em conhecimentos.

Essas atitudes e formas de se relacionar dos docentes, influenciadas pelo clima da instituição, podem desencadear satisfação ou insatisfação. É o que nos diz LIMA (2008, p. 2): “[...] o relacionamento interpessoal e o clima dos grupos podem trazer satisfações e insatisfações pessoais ou grupais, repercutindo na organização/empresa”.

Para o autor, as satisfações e insatisfações repercutem diretamente no trabalho, o que acaba por afetar sua qualidade. Desta forma, é essencial que as gestões escolares estejam atentas a estas questões, e busquem pela manutenção de um clima organizacional agradável, ético, amoroso.

Lima (2008, p. 4) reforça a ideia de influência do clima no comportamento, qualidade e produtividade dos profissionais, quando diz que “dessa forma o clima organizacional influencia direta e indiretamente os comportamentos, na produtividade do trabalho e também na motivação das pessoas envolvidas com a organização”. O autor frisa ainda, que o clima acaba por influenciar também na motivação dos profissionais. Já que um clima ruim pode acabar por desmotivar os funcionários.

É necessário pensarmos também na importância do trabalho do pedagogo dentro das escolas, que como profissional capacitado para trabalhar com a pedagogia empresarial, tem as condições necessárias para fazer análises do clima da instituição, da organização, da gestão, do trabalho desenvolvido, dos problemas apresentados, e pensar em propostas que podem vir a somar e até solucionar inúmeros problemas educacionais, como as insatisfações dos professores.

Temos profissionais capacitados para realizar este tipo de trabalho dentro das próprias escolas, e no entanto, este parece ser um dos lugares onde menos se busca por melhorias, menos se reflete, menos se desenvolvem e aplicam pesquisas de clima organizacional, menos se investe em inovação, menos se busca por mudanças. O que vai numa direção totalmente oposta à do setor empresarial do país, que ciente da importância do bem-estar e realização pessoal de seus profissionais, tem investido cada vez mais em pesquisas, e aprimoramento de sua forma de lidar, atender e trabalhar com seus funcionários.

É importante que os docentes estejam satisfeitos com seu trabalho, já que professores satisfeitos desenvolvem melhores aulas, inovam, buscam por diferenciais, formações, aperfeiçoamentos, elevam o nível de aprendizagem, de qualidade de ensino. Professores satisfeitos são essenciais para se desenvolver uma educação de qualidade, para se transformar a realidade educacional brasileira atual. Desta forma,

quando pensamos, ouvimos, acreditamos e valorizamos os professores, estamos investindo em educação, investindo em qualidade de ensino, investindo em aprendizagem, mais que isso, estamos buscando e caminhando para um futuro educacional melhor.

Frente a uma realidade tão difícil e desgostosa em relação a profissão de professor, fica difícil atrair jovens para a docência, mas ainda existem, ainda existem jovens apaixonados por esta profissão, que sonham com a docência um sonho bonito, que acreditam e lutam por uma educação e uma profissão melhor. É o que nos diz Gadotti (2003, p.12) quando nos relata algumas das falas de Freire, “Paulo Freire nos falava da “boniteza” do sonho de ser professor de tantos jovens desse planeta. Se o sonho puder ser sonhado por muitos deixará de ser um sonho e se tornará realidade”.

Gadotti no diz que um sonho sonhado junto, por muitos, pode se tornar realidade, e eu concordo, pois acredito que se todos aqueles que sonham com uma educação melhor fizerem sua parte para fazer o sonho se tornar realidade caminharemos para a realização concreta desse desejo incessante e ardente que move a grande maioria dos professores brasileiros, o de um futuro melhor para a educação.

Os professores como um dos pilares da educação precisam e devem ser valorizados. Já que são essenciais para a construção de aprendizagens, de conhecimentos, de valores, de humanidades. Gadotti (2003, p.17) nos fala do papel do professor, da importância deste profissional, e da sua extrema necessidade para a sociedade, quando nos diz que:

Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marqueteiros, eles são os verdadeiros “amantes da sabedoria”, os filósofos de que nos falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber - não o dado, a informação, o puro conhecimento - porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis.

Para Gadotti os professores são imprescindíveis, já que constroem sentido para vida e formam pessoas. Os decentes não trabalham apenas para promover aprendizagens, mais que isso, trabalham para lapidar seres, buscando desenvolver

neles todas as habilidades e competências essenciais para conseguirem se virar na vida, de forma ética, crítica, autônoma, reflexiva, responsável e humana.

Nóvoa fortifica essa ideia quando justifica e afirma: “pois com certeza, não haverá sociedade do conhecimento sem escolas e sem professores. Não haverá futuro melhor, sem a presença forte dos professores e da nossa profissão”. (NÓVOA, 2007, p.18)

Para o autor não existe futuro ou educação melhor sem professores, e eu concordo totalmente, mas complemento, pois acredito não possa existir futuro ou educação de maior e melhor qualidade, sem professores satisfeitos com sua profissão.

Essa ideia é reforçada novamente por Nóvoa (2007, p. 18) quando diz que:

Podem inventar tecnologias, serviços, programas, máquinas diversas, umas a distância outras menos, mas nada substitui um bom professor. Nada substitui o bom senso, a capacidade de incentivo e de motivação que só os bons professores conseguem despertar. Nada substitui o encontro humano, a importância do diálogo, a vontade de aprender que só os bons professores conseguem promover. É necessário que tenhamos professores reconhecidos e prestigiados; competentes, e que sejam apoiados no seu trabalho, o apoio da aldeia toda. Isto é, o apoio de toda a sociedade. São esses professores que fazem a diferença. É necessário que eles sejam pessoas de corpo inteiro, que sejam profissionais de corpo inteiro, capazes de se mobilizarem, de mobilizarem seus colegas e mobilizarem a sociedade, apesar de todas as dificuldades.

Nada substitui um professor motivado, que realiza seu trabalho da melhor maneira possível. Que inova, que busca por diferenciais. Nada substitui um professor que ama o que faz e o faz com o coração. Nada substitui um professor que acredita na educação. Nada substitui um professor satisfeito.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia deste projeto se dá por meio da realização de pesquisas bibliográficas e da aplicação de questionários com alguns professores de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio do Vale do Taquari no estado do Rio Grande do Sul.

A pesquisa é de cunho bibliográfico e de levantamento (qualitativa), esse último tem por objetivo apresentar as satisfações e insatisfações dos profissionais da educação da escola pesquisada.

Inicialmente realizei contato com a direção da escola pensada como possível participante da pesquisa, fiz minha apresentação, esclareci a proposta, o projeto, o objetivo e a finalidade. Tendo recebido resposta favorável para a aplicação dos questionários com os professores, segui com a análise do cotidiano da escola, e a elaboração e aplicação dos questionários.

Marquei com a direção da instituição uma data possível de realizar a análise do cotidiano da escola, quando pude então observar a organização da escola, a estrutura, o projeto político pedagógico, os alunos, os professores, os funcionários... de forma a conhecer melhor a instituição participante da pesquisa e entender sua realidade, a fim compreender o contexto em que esta pesquisa se realizará.

Para formulação dos questionários elaborei inicialmente as questões, que foram construídas com base nas informações e conhecimentos pensados e formulados através das pesquisas bibliográficas realizadas.

Tendo definido com a gestão uma data para aplicação dos questionários com os professores. Me dirigi até a escola, e realizei um primeiro contato com os docentes da instituição. Os docentes com que pude ter contato foram aqueles que se encontravam na sala dos professores, cumprindo seu horário destinado a formulação dos planejamentos de aula.

A estes professores fiz minha apresentação como acadêmica da Universidade de Caxias do Sul, realizando os devidos esclarecimentos acerca do projeto que estou desenvolvendo, do pôr que de realizar esta pesquisa, do objetivo da proposta, do que farei com os dados coletados... Deixando claro também, a preservação do anonimato dos professores e escola participantes da pesquisa.

Entreguei então os questionários aos professores, informando que ficaria a disposição para sanar dúvidas, e explicar a forma de preenchimento do questionário.

Ao final, agradei a participação dos professores, e deixei com a diretora da escola mais alguns questionários, para que outros professores que desejassem pudessem preenchê-lo.

Os questionários deixados na escola foram respondidos individualmente por cada docente, em horário de sua disponibilidade, e entregues a mim pela diretora da instituição. O questionário aplicado se encontra no Anexo A.

Os dados levantados a partir das respostas apresentadas nos questionários foram por mim organizados em forma de gráficos, a fim de se compreender melhor e ter mais claros os resultados apresentados pela pesquisa.

Os dados apontados foram analisados e pensados a partir do contexto atual da escola, das pesquisas bibliográficas realizadas e da realidade educacional brasileira, de forma a apontar as satisfações e insatisfações dos professores daquela escola e ponderar sobre as possíveis causas e soluções para as insatisfações apresentadas.

A construção e aplicação desta pesquisa, se baseou no trabalho realizado pelo pedagogo empresarial, o questionário formulado avaliou entre outros, o clima organizacional da instituição.

O trabalho do pedagogo empresarial, aqui aplicado e desenvolvido, foi de fundamental importância, para se realizar uma análise completa da realidade da escola e da situação dos professores pesquisados, ele nos permitiu entre outros, compreender o contexto onde a pesquisa foi aplicada, criar um questionário baseado em pontos que nos apresentassem o clima da instituição escolar, realizar a análise completa e clara dos dados e a formulação de gráficos, que nos trouxeram ao fim, as satisfações e insatisfações dos docentes.

Para construção da pesquisa bibliográfica, realizei leituras e releituras de textos, além de transcrever citações importantes. O acesso a estas fontes se deu por meio da internet e de material impresso.

A pesquisa bibliográfica realizada, conta com referenciais como, LIBÂNEO (2001), GOHN (2006), PASCOAL (2007), CHIAVENATO (2010), GADOTTI (2003), NÓVOA (2007) e (2009), LIMA (2008), entre outros.

## 5 ANÁLISE DOS RESULTADOS APRESENTADOS NOS QUESTIONÁRIOS

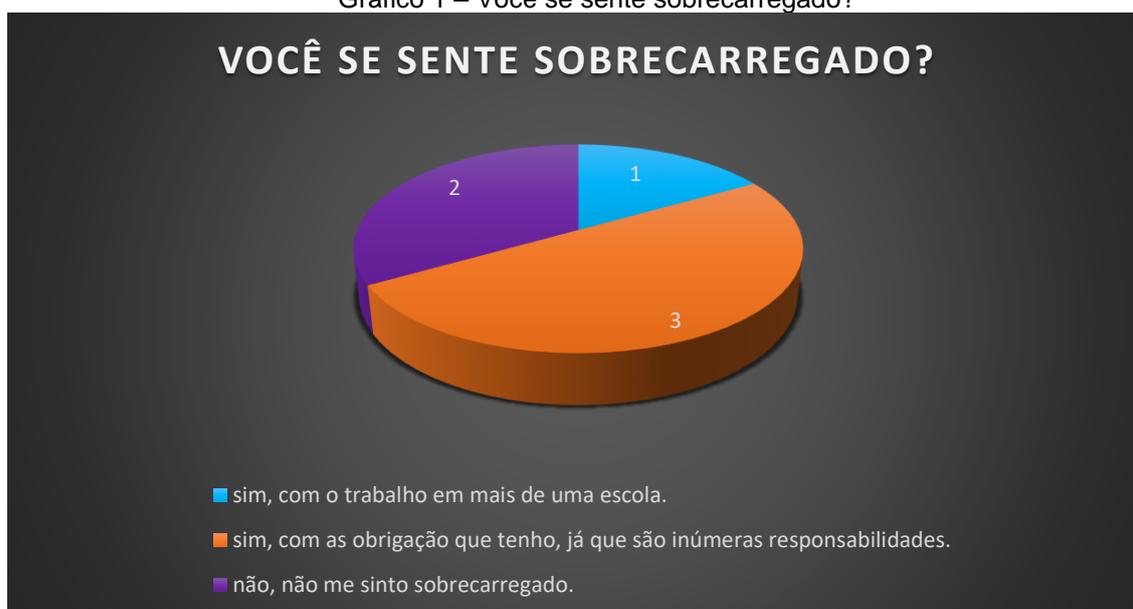
Para a solucionar o meu problema realizei uma pesquisa qualitativa, com professores de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio do Vale do Taquari no estado do Rio Grande do Sul.

Inicialmente construí o questionário, que conta com questões objetivas e descritivas. Em seguida, entrei em contato com a instituição escolar, deixando claras minhas intenções com o preenchimento do questionário. Tendo parecer favorável da gestão da escola, apliquei os questionários com os professores da instituição. Os dados levantados pelos questionários, foram por mim tabulados, transformados em gráficos e analisados. Alguns dos principais gráficos construídos e dados coletados serão apresentados a seguir.

Dentre os participantes desta pesquisa temos uma totalidade do sexo feminino, de maioria com idade maior de quarenta anos, que trabalha em apenas uma escola e possui pós-graduação. Em relação ao tempo de experiência como professor, as participantes possuem em sua totalidade um mínimo de cinco anos de experiência.

Dentre os pontos causadores de insatisfação de maior prevalência, destaco “a sobrecarga do trabalho docente” apresentada nos seguintes gráficos.

Gráfico 1 – Você se sente sobrecarregado?



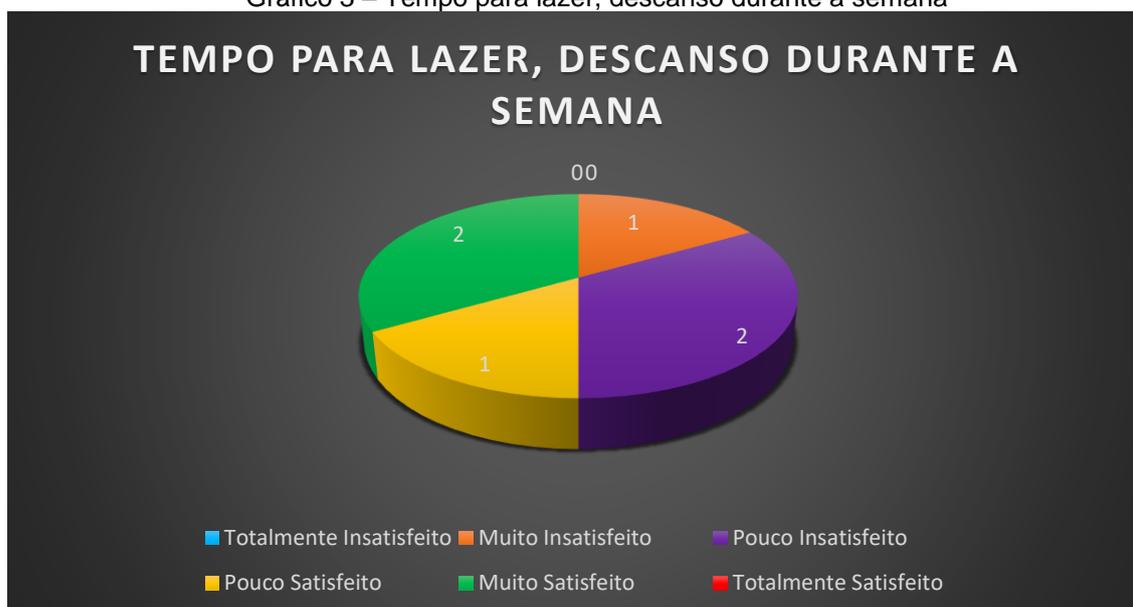
Fonte: Elaborado por Ana Paula Conferi (2020).

Gráfico 2 – Volume do trabalho que realiza



Fonte: Elaborado por Ana Paula Conferi (2020).

Gráfico 3 – Tempo para lazer, descanso durante a semana



Fonte: Elaborado por Ana Paula Conferi (2020).

Gráfico 4 – Tempo para planejar aulas



Fonte: Elaborado por Ana Paula Conferi (2020).

As inúmeras tarefas e responsabilidades que são incumbidas aos docentes, “um trabalho que é cada vez mais pautado por inúmeros afazeres, inúmeros relatórios, inúmeras coisas” (NÓVOA 2007, pág. 20), contribuem para uma sobrecarga no trabalho. Os professores precisam dar aula, auxiliar nas atividades de higiene, alimentação, dialogar com os pais, resolver conflitos, fazer planejamentos, dar conta do conteúdo, desenvolver projetos, escrever pareceres... isso tudo sendo bons profissionais, buscando a continua capacitação, trabalhando em mais de uma escola... São inúmeras atividades. Há um grande volume de trabalho a ser realizado, em contrapartida a um período de tempo tão curto para sua efetivação.

Para Nóvoa (2007 p. 6):

Há hoje [na escola] um excesso de missões. A sociedade foi lançando para dentro da escola muitas tarefas – que foram aos poucos apropriadas pelos professores com grande generosidade, com grande voluntarismo –, o que tem levado em muitos casos a um excesso de dispersão, à dificuldade de definir prioridades, como se tudo fosse importante.

Nóvoa nos fala do excesso de missões e tarefas que foram delegadas a escola, “tudo precisa se resolver dentro dela”, “tudo é visto como culpa e responsabilidade dela”, neste sentido, temos os pais, que culpam a escola pela má educação dos filhos, pelas baixas notas, pelo mau comportamento, pela má alimentação, má higiene, má aprendizagem... Temos também a sociedade, que culpa

a escola e o setor de educação por “todos” os males de nosso país, a marginalidade, o desrespeito, a corrupção... que segundo ela deveriam ser evitados por meio do trabalho realizado dentro da instituição escolar. Ninguém mais deseja ser responsabilizado, mesmo por aquilo que é de sua responsabilidade. Assim, os papéis se invertem e é o professor quem “tem”, ou “acaba tendo” que dar satisfação aos pais pela baixa aprendizagem do aluno, pela renúncia deste a se alimentar, a se vestir, a realizar as atividades, pelo seu mal comportamento... entre tantas outras.

Os professores são muito generosos, para tudo dão um jeito, se o fulano veio sem a toalha de higiene pessoal para a escola, o professor tratara de providenciar uma, geralmente da própria instituição escolar, que comumente possui de reserva já que os pais voltam e meia esquecem de mandar o material solicitados na mochila dos alunos.

As cobranças e exigências que são feitas a escola e aos professores, não se dão na mesma medida que as que deveriam ser feitas aos pais. Já que estes muitas vezes não assumem suas responsabilidades e as acabam delegando a escola, que normalmente aceita calada. Neste sentido mais uma vez, percebemos a anulação do professor, que se frustra por saber que esta atitude é incorreta, mas não se impõem afim de evitar conflitos, e desta forma permite que os pais decidam o que devem ou não fazer, como e quando devem cumprir alguma responsabilidade perante seu filho ou filha.

Falta tempo para desempenhar tantas funções incumbidas ao professor, e o tempo que falta é normalmente retirado daquele destinado para descanso, para lazer. Os professores levam trabalho para casa, e não falo de pouco trabalho, falo de inúmeras atividades. Já não bastasse tudo que precisam fazer em um dia comum em sala de aula...

Com pouco tempo para planejar aulas, praticamente todo planejamento acaba ficando para a noite ou para os finais de semana. Se forem dois empregos, com duas turmas diferentes serão dois planejamentos para sete dias de aula, se esse planejamento conter ideias de atividades diferenciadas que exigem produção de material por parte do professor haverá tomada de mais tempo, se este precisar corrigir trabalhos e provas, mais tempo, se este quiser se aperfeiçoar em sua formação realizando pesquisas e leituras, mais tempo, se este quiser realizar um curso, muito mais tempo. Se pensarmos que este professor possa ser uma mãe, que além de cuidar do filho(a), precisa desempenhar todas as atividades domésticas sozinhas, o quadro só piora.

É difícil pensar em exigir de professores boas aulas, boa capacitação profissional, mais aperfeiçoamento ou mesmo dedicação a sala de aula, enxergando por este ângulo. Onde encontrar tempo para tudo? Como se manter bem fisicamente e psicologicamente com tanto trabalho e tão pouco tempo para lazer e descanso?

São tantas responsabilidades, tantos conteúdos a serem trabalhados, que fica difícil definir prioridades, tudo parece ser importante, e aí nos perdemos. Quando tudo é importante, tudo recebe apenas metade do esforço, tempo e dedicação que mereceriam. Quando definimos prioridades, e precisamos defini-las com urgência em termos educação, fica mais claro ao professor e a escola, seu papel, as atividades que realmente precisam desempenhar, as que são essências para formação do educando.

Outro ponto causador de insatisfação nos professores foi o salário, apresentado nos seguintes gráficos:



Fonte: Elaborado por Ana Paula Conferi (2020).

Gráfico 6 – Consegue pagar todas as suas contas



Fonte: Elaborado por Ana Paula Conferi (2020).

Gráfico 7 – Seu salário lhe permite bancar aprimoramentos profissionais, cursos, formações...



Fonte: Elaborado por Ana Paula Conferi (2020).

Os gráficos acima nos mostram uma insatisfação geral dos professores com seu salário, nos mostram também que os professores não têm conseguido pagar suas contas. E da mesma forma que o salário não consegue suprir o pagamento de contas, tão pouco garante a possibilidade de um investimento em formação e aperfeiçoamentos profissionais. Se pensarmos que além de dinheiro, também falta

tempo para a realização de um curso ou formação, tornasse quase impossível o aperfeiçoamento profissional.

O salário foi apontado como um dos maiores motivadores de insatisfação. Isto se dá principalmente em virtude de se tratar de uma escola estadual mantida pelo estado do Rio Grande do Sul que nos últimos anos tem pagado de maneira parcelada o salário de seus professores. O que é um grande desrespeito a categoria. No entanto, essa má remuneração dos professores não é coisa somente de nosso estado, mas do país em geral.

Para Trevisan (1989 apud GADOTTI, 2003, p. 13):

Todos dizem que gostam muito dos professores, mas não chegam a incomodar-se muito com o fato de que há tempos eles recebem um salário de fome. O salário é a parte mais visível de uma condição – da qual decorre um papel social que se descaracterizou por completo... Só quem não quer ver não percebe o sentimento de cansaço, de esgotamento de expectativas de quem encarava com dignidade o seu desempenho profissional.

O autor é claro e preciso, todos dizem respeitar a profissão de professor, todos dizem que ela é de grande importância e valia, no entanto, ninguém está preocupado com o fato de os professores receberem tão pouco, de não terem muitas vezes um salário que lhes permita um mínimo de condições possíveis para viver e desempenhar seu trabalho com dignidade. Todos sabem dessa luta, todos tem conhecimento dos salários que são pagos aos professores, contudo, o sentimento de indiferença parece prevalecer.

Gadotti (2003, p.14) justifica essa indiferença dizendo que:

Talvez esteja aí a chave para entender a crise que vivemos: perdemos o sentido do que fazemos, lutamos por salário e melhores condições de trabalho sem esclarecer a sociedade sobre a finalidade de nossa profissão, sem justificar porque estamos lutando.

Concordo com o autor quando diz que temos perdido o sentido do que fazemos, o sentido de nosso trabalho, de nosso real papel como educadores, e isso se deve em grande parte as inúmeras responsabilidades e tarefas que foram sendo atribuídas a escola nos últimos anos, tema já discutido anteriormente, mas discordo quando nos diz que a sociedade não sabe por que lutamos. Ela sabe, sabe muito bem, sabe que a realidade nas escolas não é fácil, muito provavelmente não entenda isso de maneira precisa, ou mais aprofundada, como um professor que está em sala de aula, mas sabe que a realidade não é das melhores, que faltam investimentos,

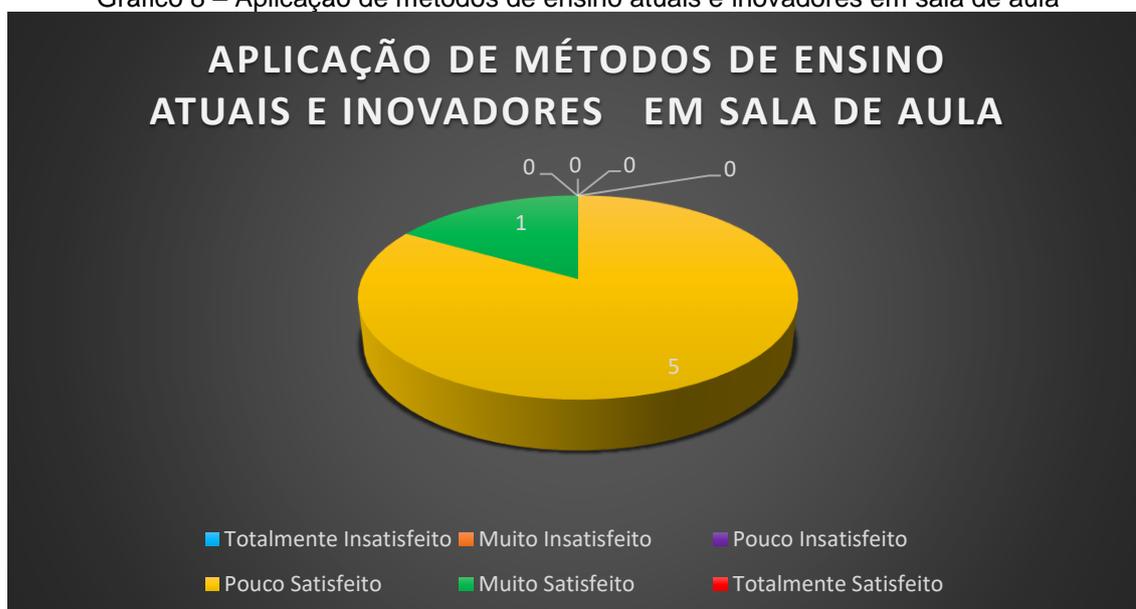
recursos, materiais, qualificação profissional, que os salários são baixos, que o trabalho com crianças e jovens não é tão simples, eles sabem.

Só não dizem que sabem, acho incrível quando me deparo com um grupo de mães e pais que reunidos com seus filhos percebem o quanto é difícil lidar com várias crianças juntas, e munidos do conhecimento tido pela experiência vivida, dizem não ser fácil desempenhar este papel, e refletem sobre os professores nas escolas, todos os dias juntos de inúmeras crianças, alguns dizem “coitados dos professores”, mas logo alguém contesta “há, mas na escola os professores tem coisas pra entreterem eles, na escola é tranquilo”. Os pais dizem, mas eles sabem que não é tão simples assim, eles sabem que esta não é a real situação.

Muito iludidos, ou até mentirosos são os pais que afirmam ser fácil educar, lidar com crianças e jovens dentro de sala de aula. Se tem algo de que tenho certeza, é de que os pais e a sociedade num geral possuem clareza das dificuldades que os professores enfrentam no trabalho com alunos, clareza sobre os baixos salários que são pagos aos professores. E se tem clareza, é por que sabem pelo que lutamos.

A aplicação de métodos de ensino atuais e inovadores em sala de aula é mais um ponto de insatisfação:

Gráfico 8 – Aplicação de métodos de ensino atuais e inovadores em sala de aula



Fonte: Elaborado por Ana Paula Conferi (2020).

Novos métodos de ensino que fujam ao tradicional, aulas mais atrativas que trabalhem métodos diferenciados, atuais, inovadores, são urgentemente necessárias, e precisam ser mais desenvolvidas.

Neste sentido, Nóvoa (2007 p. 7) nos diz que:

A pedagogia e o trabalho do professor estão ainda muito fechados nas psicologias do desenvolvimento, nas psicologias de Piaget, em certas sociologias do século XX. A pedagogia precisa respirar. Os professores precisam se apropriar de um conjunto de novas áreas científicas que são muito mais estimulantes das que serviram de base e fundamento para a pedagogia moderna.

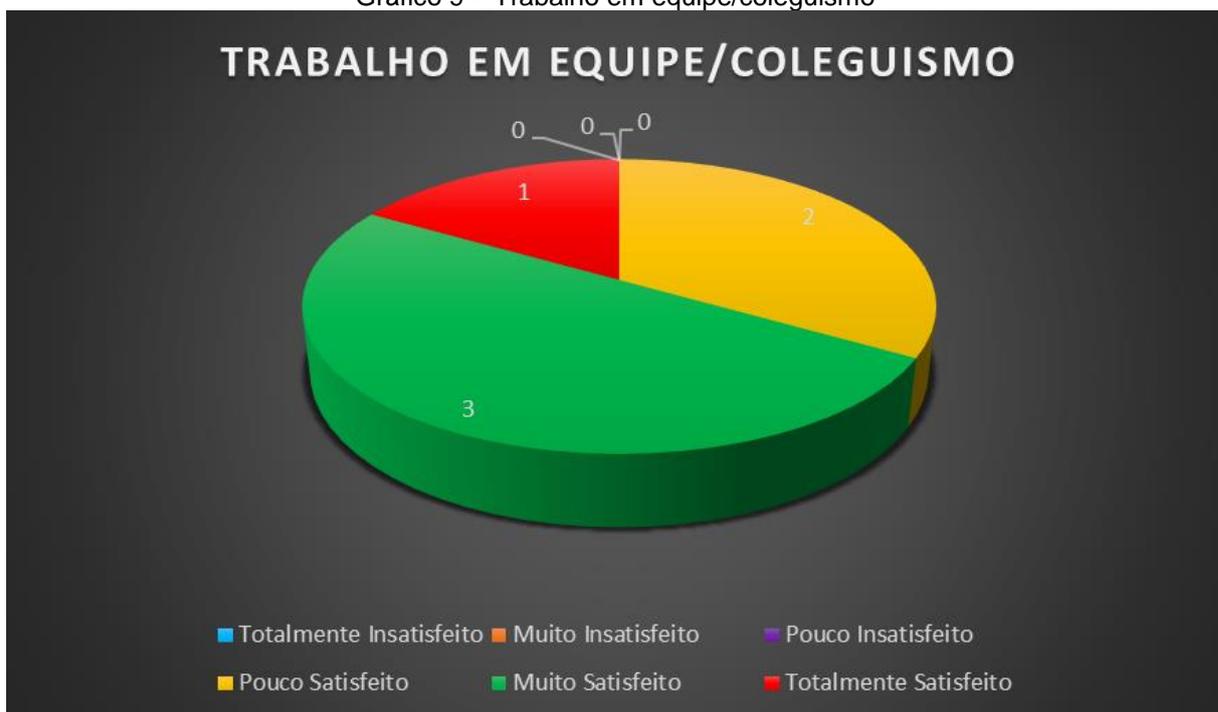
Precisamos sim, estudar ideias e teorias de pensadores tradicionais da pedagogia, este estudo é essencial, no entanto, não podemos nos deter somente a isso, devemos nos apropriar de novos e atuais conhecimentos que tem sido formulados ao longo do século. Estes novos conhecimentos, nos trazem informações importantíssimas, para muitas de nossas dúvidas e para uma formação de professores capazes de entender e trabalhar com esta nova geração de alunos.

Para tal, o autor nos indica alguns pontos dos quais os professores precisam se apropriar para desenvolver bem seu trabalho, são eles, “[...] todas as descobertas das neurociências, sobre o funcionamento do cérebro, as questões dos sentimentos e da aprendizagem, sobre a maneira de produzir a memória, sobre as questões da consciência” (Nóvoa 2007 p. 7).

Os dados apresentados no gráfico nos mostram que os professores não têm conseguido aplicar métodos de ensino atuais e inovadores em sala de aula. Acredito que isto se dá também em virtude da falta de preparação desses profissionais para realizar aulas diferenciadas, falta conhecimento, falta formação, falta intervenção da gestão, investimento em cursos de aperfeiçoamento que tragam conhecimentos e ideias mais práticas aos professores, ideias possíveis de se aplicar em sala de aula.

A análise dos dados nos mostrou ainda pontos de satisfação da profissão docente, dentre eles destaco “O trabalho em equipe/coleguismo”:

Gráfico 9 – Trabalho em equipe/coleguismo



Fonte: Elaborado por Ana Paula Conferi (2020).

Este item foi apontado pelos professores como um grande causador de satisfação na profissão docente, o que nos mostra que há uma cooperação entre os docentes, e que esta cooperação facilita o trabalho e melhora o clima da organização.

Nóvoa (2009, p. 7) reflete sobre este assunto quando diz que:

A emergência do professor colectivo (do professor como colectivo) é uma das principais realidades do início do século XXI. Já se tinha assistido a este fenómeno noutras profissões, [...] mas no ensino, apesar da existência de algumas práticas colaborativas, não se tinha verificado ainda a consolidação de um verdadeiro «actor colectivo» no plano profissional.

Para o autor é urgente a necessidade de professores que trabalhem no coletivo, que peguem junto e façam acontecer. Os dados analisados, neste sentido, nos mostram que os professores têm caminhado para construção de um trabalho pautado no coletivo, na cooperação mutua, na parceria.

Nóvoa (2009, p.3) reforça essa ideia dizendo que:

Os novos modos de profissionalidade docente implicam um reforço das dimensões colectivas e colaborativas, do trabalho em equipa, da intervenção conjunta nos projectos educativos de escola. O exercício profissional organiza-se, cada vez mais, em torno de «comunidades de prática», no interior de cada escola, mas também no contexto de movimentos pedagógicos que nos ligam a dinâmicas que vão para além das fronteiras organizacionais.

O autor nos diz que precisamos pensar e trabalhar dentro de uma nova profissionalidade docente, e essa mudança implica trabalhar num coletivo.

E esta é uma postura essencial, já que precisamos mais do que nunca, diante das inúmeras dificuldades enfrentadas dentro da área da educação atualmente, de um grande viés de colaboração entre os docentes. Nada conseguiremos sem a união e parceria de todos. Nada conseguiremos se ao invés de nos ajudarmos, ficarmos guerreando entre nós mesmos.

A lugar nenhum se chega, além do caos e da falência, sem trabalho em equipe, sem união, sem colaboração. Sem gente que pegue junto e faça acontecer. É preciso que todos fiquem do mesmo lado, que aja parceria, caso contrário, estaremos sempre em um cabo de guerra conosco mesmos, professores contra professores. Só que neste caso, quando um lado que segura a corda fragiliza, todos caem juntos. Ninguém ganha nessa guerra, a oposito nessa guerra todos perdem. Principalmente a educação.

Outro causador de grande satisfação nos professores foi “O trabalho com pessoas” e o fato de gostarem do trabalho que realizam.

Gráfico 10 – Trabalho com pessoas



Fonte: Elaborado por Ana Paula Conferi (2020).

Gráfico 11 – Gosto do trabalho que realizo



Fonte: Elaborado por Ana Paula Conferi (2020).

Esses foram os gráficos mais satisfatórios, em outras palavras os melhores. Os que me trouxeram de uma maneira geral um resultado muito positivo, já que acredito que o essencial para se desenvolver um bom trabalho dentro da docência e ser um bom profissional, é gostar do que se faz, e do público com quem se trabalha.

Ao concluir esta análise, feita com os dados que se destacaram mais a partir dos resultados obtidos através da pesquisa, percebemos que os professores tem se sentido sobrecarregados, com pouco tempo para o lazer, e para realização de planejamento. Concluimos também que os professores acreditam receberem um salário que consideram insuficiente para pagarem suas contas e realizarem aperfeiçoamentos profissionais. E ainda, que não conseguem aplicar ou não tem aplicado métodos inovadores em sala de aula.

Como pontos positivos podemos concluir, que os professores realizam um trabalho em equipe, que gostam do que fazem, e do fato de trabalharem com pessoas.

Além disso, analisando todos os dados levantados, concluimos que de uma forma geral, os professores estão satisfeitos com, o trabalho em equipe, o ambiente de trabalho/as amizades, o clima entre professores, o clima com a direção, a sua capacitação profissional, os recursos e materiais disponíveis, a quantidade de escolas e turmas em que dão aula, as condições do ambiente em que trabalham, o equilíbrio emocional no trabalho. O trabalho com pessoas, a possibilidade de crescer no

trabalho, a qualidade do trabalho que realizam, o desenvolvimento de aulas atrativas, a liberdade para planejar aulas/projetos, a abertura da gestão para ouvir ideias e sugestões. Mostraram gostar do trabalho que realizam e estarem realizados profissionalmente.

Podemos concluir também que, os docentes se mostraram insatisfeitos com o tempo para planejar aulas, a sobrecarga no trabalho, o comportamento dos alunos, o número de alunos por turma, o tempo para descanso durante a semana, a falta de momentos de descontração no trabalho, o salário, a falta de voz do professor na sociedade, a aplicação de métodos de ensino atuais e inovadores em sala de aula, e a valorização profissional.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final de nossos estudos, podemos concluir que a educação ocorre em diferentes espaços, a partir de variadas metodologias, sendo subdividida em educação formal, não-formal e informal. Além disso, compreendemos também que a pedagogia enquanto ciência que estuda a educação, também se ampliou e diversificou, ganhando novos espaços e áreas de atuação, dentre elas a pedagogia empresarial, a pedagogia hospitalar, e a pedagogia social.

Durante os estudos que fizemos pudemos perceber ainda, que as empresas têm se mostrado cada vez mais preocupadas com seus fatores humanos. Ou seja, tem compreendido que são as pessoas as maiores responsáveis pela qualidade e sucesso das organizações.

A necessidade de investimento nos colaboradores, exige uma gestão atenta a seus funcionários, a seus desejos, suas necessidades, seu aperfeiçoamento e capacitação. Os gestores precisam também, atentar-se para a promoção de um ambiente de trabalho adequado, saudável, colaborativo e respeitoso, que propicie o bem-estar de seu funcionário e conseqüentemente uma maior produtividade.

Concluimos ainda que a pedagogia empresarial pode contribuir com grande valia para os estudos do clima organizacional, e também na identificação de fatores geradores de satisfação e insatisfação entre os colaboradores da empresa.

Podemos perceber também que infelizmente, poucos estudos deste tipo são realizados dentro de instituições escolares, já que existe uma grande dificuldade social de se ver e pensar a escola como uma empresa.

Essa dificuldade, acarreta falta de investimentos nos fatores ambientais e humanos das escolas, e contribui para manutenção de uma gestão ineficiente que não identifica o clima das instituições, e os fatores positivos e negativos que interferem diretamente no trabalho de seus profissionais. Assim, tense um agravamento, e manutenção de problemas institucionais. Caso daqueles que envolvem a profissão de professor.

Não se pode afirmar que todos os fatores desencadeadores de insatisfação e satisfação nos professores estejam atrelados a uma má gestão, mas pode-se concluir que ela contribui direta ou indiretamente para esta posição.

Podemos concluir ainda, que a própria atitude do professor contribui para manutenção de pontos negativos na profissão, é o caso da falta de voz e de posicionamento do professor, que coopera para sua anulação. E ainda, da manutenção de uma cultura da reclamação entre os docentes, que piora todo quadro de animo, esperança e motivação para o trabalho. Culminando em um clima ruim dentro da organização.

Além disso, percebe-se também a contribuição da sociedade na formação de uma má visão da profissão docente. E a contribuição da mídia para o exaltamento dos pontos negativos da profissão, fatores que também cooperam no desenvolvimento de insatisfações dentro da docência.

Há diferentes fatores, que acarretam um sentimento de bem estar ou mal estar em relação à docência, esses fatores contudo, por serem pouco estudados, as vezes são equivocados, já que nem sempre o que acreditamos serem fatores de insatisfação ou satisfação realmente o são, e isso contribui para uma análise incoerente dos reais pontos que necessitam de melhora em termos de docência.

Assim quando apenas se “deduz”, mas não se sabe ao certo, de forma científica e fundamentada o que realmente gera insatisfação ou satisfação, se corre um grande risco de errar o caminho e construir um planejamento ineficaz. O que contribui para manutenção de pontos negativos na profissão docente, e conseqüentemente de uma má qualidade da educação. Afinal, como vimos, são os fatores humanos que afetam diretamente na qualidade do trabalho, e no sucesso das organizações.

Pudemos perceber a partir dos resultados obtidos na pesquisa realizada, que nem sempre fatores que são comumente apontados como insatisfatórios dentro da profissão de professor, são considerados pelos docentes realmente insatisfatórios. Daí a importância da realização de pesquisas de clima organizacional dentro das empresas escolares, que nos tragam os verdadeiros resultados. A real situação da categoria profissional.

Esses dados coletados e analisados podem servir de base para o desenvolvimento de um planejamento que verdadeiramente busque a melhoria dos fatores causadores de insatisfação e satisfação docente.

Além disso, podemos concluir por meio da pesquisa realizada que, de uma forma geral, os professores estão satisfeitos com, o trabalho em equipe, o ambiente de trabalho/as amizades, o clima entre professores, o clima com a direção, a sua

capacitação profissional, os recursos e materiais disponíveis, a quantidade de escolas e turmas em que dão aula, as condições do ambiente em que trabalham, o equilíbrio emocional no trabalho. O trabalho com pessoas, a possibilidade de crescer no trabalho, a qualidade do trabalho que realizam, o desenvolvimento de aulas atrativas, a liberdade para planejar aulas/projetos, a abertura da gestão para ouvir ideias e sugestões. Mostraram gostar do trabalho que realizam e estarem realizados profissionalmente.

Podemos concluir também que, os docentes se mostraram insatisfeitos com o tempo para planejar aulas, a sobrecarga no trabalho, o comportamento dos alunos, o número de alunos por turma, o tempo para descanso durante a semana, a falta de momentos de descontração no trabalho, o salário, a falta de voz do professor na sociedade, a aplicação de métodos de ensino atuais e inovadores em sala de aula, e a valorização profissional.

Contudo, a realização de mais análises e pesquisas se faz necessária, afim de se desenvolver estudos maiores, mais amplos que abarquem uma grande quantidade de profissionais e nos deem resultados a níveis regionais, estaduais, e federais, de forma a efetivamente, encontrar o rumo para a qualidade e felicidade da profissão docente.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF: 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 14. jun. 2020.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua obra? : inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética**. 17. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v.14, n. 50, p. 27 - 38, jan./mar. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2020.

ITAÚ SOCIAL. **Professores consideram qualificação e escuta como medidas principais para valorizar a profissão**. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/professores-consideram-qualificacao-e-escuta-como-as-principais-medidas-para-valorizar-a-profissao/>. Acesso em: 22 maio 2019.

ITAÚ SOCIAL. **Profissão professor**. Disponível em: [https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2018/07/Pesquisa-Professor\\_Divulga%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2018/07/Pesquisa-Professor_Divulga%C3%A7%C3%A3o.pdf). Acesso em: 22 maio 2019.

LIBÂNIO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos : inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153 – 176, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2020.

LIMA, Sílvia Aparecida Pereira. Clima e cultura organizacional no ambiente empresarial. **Revista científica eletrônica de administração**. São Paulo: FAEF, 2008.

NÓVOA, António. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. São Paulo, SP: 2007. Disponível em: [http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto\\_novoa.pdf](http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf). Acesso em: 15. maio. 2019.

NÓVOA, António. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. Lisboa, Portugal: 2009. Disponível em: [http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350\\_09por.pdf](http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf). Acesso em: 14 jun. 2020.

PASCOAL, Miriam. O Pedagogo na Empresa e a Responsabilidade Social Empresarial. **Educação: Teoria e Prática**, v. 17, n. 29, p. 87-102, jul.- dez., 2007. Disponível em:

<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/1037/96>  
5. Acesso em: 14 jun. 2020.

**TODOS PELA EDUCAÇÃO. Trabalhando mais próximos de quem está à frente das salas de aula.** Disponível em:

<https://www.todospelaeducacao.org.br/pag/iniciativa-profissao-professor>. Acesso em: 22 maio 2019.

## ANEXO A – QUESTIONÁRIO



**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA REGIÃO DOS VINHEDOS**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**  
**DISCIPLINAS: ANÁLISE CRÍTICA DA PRÁTICA DOCENTE,**  
**ESTÁGIO III EM PEDAGOGIA.**  
**PROFESSORAS: BERNARDETE SCHIAVO CAPRARA**  
**E TERCIANE ÂNGELA LUCHESE.**  
**ACADÊMICA: ANA PAULA CONFERI.**

### Instruções de preenchimento:

1. Use toda a sinceridade ao responder as perguntas. Responda com calma e bastante reflexão. Os dados serão tratados em sigilo, não haverá identificação do docente.
  2. Esta é uma escala que corresponde a satisfação em 6 pontos, sendo que “1” significa totalmente insatisfeito e “6”, totalmente satisfeito. Marque com um “X” somente uma resposta, que melhor corresponde ao sentimento que você sente em relação ao que foi solicitado.
- Ressaltamos que as questões abaixo isentam você de sua identificação, seu objetivo é apenas computar os dados ao final da pesquisa.

### Dados Sociais:

#### Sexo:

( 1 ) Masculino. ( 2 ) Feminino.

#### Grau de escolaridade:

- ( 1 ) Ensino Fundamental.
- ( 2 ) Ensino Médio.
- ( 3 ) Superior Incompleto.
- ( 4 ) Superior Completo.
- ( 5 ) Pós-Graduado.

#### Tempo de experiência como professor:

- ( 1 ) Até 5 anos.
- ( 2 ) Entre 5 e 10 anos.
- ( 3 ) Entre 10 e 15 anos.
- ( 4 ) Entre 15 e 20 anos.
- ( 5 ) Mais de 20 anos.

#### Idade:

- ( 1 ) Até 30 anos.
- ( 2 ) De 30 a 35 anos.
- ( 3 ) De 35 a 40 anos.
- ( 4 ) De 40 a 45 anos.
- ( 5 ) Mais de 45 anos.

#### Trabalha em:

- ( 1 ) Apenas uma escola.
- ( 2 ) Duas escolas.
- ( 3 ) Mais de duas escolas.

**1. Recomendaria a profissão docente para um jovem?**

- ( ) Certamente.  
 ( ) Recomendaria, deixando claro alguns pontos ruins da profissão, para que ele saiba o que terá de enfrentar.  
 ( ) Não recomendaria.

**2. Realiza alguma atividade extra para complementar sua renda?**

- ( ) Não.  
 ( ) Sim. Qual?  
 ( ) Atividades educacionais.  
 ( ) Produções artísticas.  
 ( ) Prestador de serviços.  
 ( ) Administração/economia e negócios.  
 ( ) Proprietário/empresário.  
 ( ) Comércio/ vendas.  
 ( ) Profissionais da saúde /atividades esportivas.

**3. Você se sente sobrecarregado?**

- ( ) sim, com o trabalho em mais de uma escola.  
 ( ) sim, com as obrigação que tenho, já que são inúmeras responsabilidades.  
 ( ) não, não me sinto sobrecarregado.

QUESTÃO AMPLA E ITENS		INSATISFEITO		SATISFEITO			
		Totalmente Insatisfeito	Muito Insatisfeito	Pouco Insatisfeito	Pouco Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
1	Trabalho em equipe/coleguismo.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
2	Volume do trabalho que realiza.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )

3	Sua capacitação profissional.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
4	Comportamento dos alunos.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
O que em sua profissão lhe deixa mais satisfeito ou insatisfeito?		Totalmente Insatisfeito	Muito Insatisfeito	Pouco Insatisfeito	Pouco Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
5	Participação, comprometimento dos alunos com as aulas.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
6	Segurança no trabalho.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
7	Comportamento dos pais.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
8	Número de alunos por turma.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
9	Tempo para planejar aulas.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
10	Infraestrutura da escola.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
11	Recursos/ materiais pedagógicos disponíveis.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
12	Quantidade de escolas em que você dá aula.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
13	Quantidade de turmas em que dá aula.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
14	Clima entre professores.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )

15	Condições do ambiente em que trabalha (temperatura, higiene, ruído mobiliário, espaço).	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
O que em sua profissão lhe deixa mais satisfeito ou insatisfeito?		Totalmente Insatisfeito	Muito Insatisfeito	Pouco Insatisfeito	Pouco Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
16	Consegue pagar todas as suas contas.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
17	Desenvolvimento de um trabalho eficaz, que gera resultado.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
18	Capacitação para lidar com recursos tecnológicos em sala de aula.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
19	Tempo para lazer, descanso durante a semana.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
20	Equilíbrio emocional no trabalho.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
21	Pressão/cobranças dos superiores.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
22	Momentos de descontração no trabalho.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
23	Sua qualidade de vida.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )

24	Disposição física e psicológica para o trabalho.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
25	Salário.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
26	Férias alongadas.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
O que em sua profissão lhe deixa mais satisfeito ou insatisfeito?		Totalmente Insatisfeito	Muito Insatisfeito	Pouco Insatisfeito	Pouco Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
27	Rotina diversificada.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
28	Trabalho com pessoas.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
29	Ambiente de trabalho, as amizades.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
30	Clima com a direção.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
31	Reconhecimento por parte de estudantes, família e sociedade.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
32	Gosto do trabalho que realizo.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
33	Os professores são ouvidos.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
34	Suas ideias são ouvidas pela gestão. Sente que há espaço para dar sugestões.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
35	O professor tem voz na sociedade.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )

36	Aplicação de métodos de ensino atuais e inovadores em sala de aula.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
37	Viagens nas férias.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
O que em sua profissão lhe deixa mais satisfeito ou insatisfeito?		Totalmente Insatisfeito	Muito Insatisfeito	Pouco Insatisfeito	Pouco Satisfeito	Muito Satisfeito	Totalmente Satisfeito
38	Seu salário lhe permite bancar aprimoramentos profissionais, cursos, formações...	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
39	Valorização profissional.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
40	Me sinto realizado com minha profissão.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
41	Possibilidade de crescer no trabalho.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
42	Qualidade do trabalho que realizo.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
43	Liberdade para planejar aulas/desenvolver projetos da forma como deseja.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )
44	Desenvolvimento de aulas atrativas que cativam os alunos.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )	( 6 )

**Questões descritivas:**

- Agora, gostaria de deixar que você escrevesse um pouco mais livre, como se sente no exercício de sua profissão.

1) Pense e pondere... Por que eu permaneço sendo professor?

2) Numa lista de 10 motivos...

10 motivos por que amo ser professor(a)

10 motivos que me desanimam em ser professor(a)

3) Por fim, ponderando, se eu precisasse definir:

Ser professor hoje é...

